



**RESENHA: POR UMA GEOGRAFIA DAS  
TERRITORIALIDADES E DAS  
TEMPORALIDADES: UMA CONCEPÇÃO  
MULTIDIMENSIONAL VOLTADA PARA A  
COOPERAÇÃO E PARA O  
DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

# Formação

**Claudio Roberto Farias Passos**  

Doutorando em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco  
Contato: cbetopassos37@gmail.com

**Como citar:** SAQUET, M. A. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. Resenha de: PASSOS, C. R. F. **Revista Formação (Online)**, v. 29, n. 54, p. R1-R7, 2022.

Recebido: 28/07/2021

Aceito: 31/10/2022

Data de publicação: 20/12/2022

**SAQUET, M. A. Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial.** 2. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

A obra “Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para cooperação e para o desenvolvimento territorial”, 2ª edição, ano 2015, 164 p., veio “esclarecer algumas confusões” – como destaca o autor, professor Marcos Aurélio Saquet – feitas a partir da leitura da primeira edição. Tem o prefácio escrito por Claude Raffestin, que se diz lisonjeado, pois, ao ler a obra, percebeu que Saquet vem mantendo-se firme na compreensão do Território como “produto que os homens se dão para viver sobre e com a terra ou ainda, em outras palavras, é a prisão que eles se constroem” (p. 11). O livro é composto por uma expressiva introdução, seguida por cinco capítulos, os quais apresentam o entendimento de Saquet a partir da investigação das obras de diversos autores brasileiros e estrangeiros que se debruçaram no estudo do território, das territorialidades e das temporalidades, bem como sobre seus “produtos e criações”.

No primeiro capítulo, intitulado “Espaço e território”, é discutido o entendimento de espaço geográfico e território, pois, “ambos apesar de serem distintos epistemológica e ontologicamente não estão separados” (p. 35). Saquet inicia a reflexão sobre as categorias acima a partir das obras de Paul Claval (Espaço e poder) e Claude Raffestin/Mercedes Bresso (Trabalho, espaço e poder). Em Claval, tem-se uma abordagem eminentemente relacional da Geografia e do espaço geográfico pela concepção weberiana; também as influências de Michel Foucault e Jean Gottmann. Segundo Saquet, a obra de Claval evidencia aspectos econômicos, políticos e o exercício do poder. Para Claval “o poder significa relações, ações, fatos, dominação, influência, sempre com raízes sociais. O espaço intervém na sociedade e é apoio da vida e das atividades” (p. 35). E conforme Raffestin e Bresso numa abordagem crítica não marxista e multidimensional, o espaço é construído socialmente por mediadores (especialmente pelo trabalho) contendo relações entre os homens e a matéria.

A partir da leitura feita por Saquet dos autores mencionados, verifica-se que existem três processos que diferenciam o território do espaço, são eles: i) as relações de poder numa compreensão pluridimensional, englobando economia, política e cultura; ii) a construção histórica e relacional das identidades; iii) o movimento de territorialização, desterritorialização e reterritorialização (TDR), trabalhados, cada qual a seu modo, por autores como Deleuze e Guattari, Raffestin e Sack, os quais pertencem ao grupo de notáveis que promoveram discussão sobre temáticas estudadas pela ciência geográfica. O primeiro capítulo oferece ao leitor uma

visão geral dos aspectos que envolvem o território de modo epistemológico sob o enfoque cultural (Claval), filosófico (Deleuze e Guattari) e identitário e de poder (Raffestin).

O segundo capítulo “O fortalecimento da abordagem territorial histórico-crítica, relacional e reticular”, Marcos Saquet inicia a discussão sobre as transformações (em nível internacional) das ciências nas décadas de 1960 e 1970, inserindo no contexto a Geografia. No Brasil, autores como Manuel Correia de Andrade, Roberto Lobato Corrêa e Orlando Valverde, entre outros, debruçaram-se em revisar e renovar a Geografia tentando acompanhar as mudanças ocorridas pós 1960-70 e manchadas pela intensa degradação ambiental, expansão urbana, industrialização internacional, produção agropecuária e por desigualdades sociais. A geografia se fortalece, vincula-se às denúncias de processos sociais até então negligenciados, incumbindo aos três geógrafos acima mencionados a missão de descrever e explicar parcelas do espaço geográfico evidenciando suas diversidades e desigualdades regionais, como também desvendando jogos de poder e controle do povo e do território brasileiro.

A ciência geográfica nacional foi influenciada a tal ponto que novas abordagens metodológicas emergiram, com semelhança ao contexto vivenciado em países da Europa; graças aos estudos, produzidos por Paul Vidal de La Blache, Alexander Von Humboldt, Karl Ritter, efetivados ao longo do século XIX e início do XX e acessados por pesquisadores do Brasil (p.47). E relevância também tiveram, na Geografia, pensadores como Imanuel Kant, Friedrich Hegel, Karl Marx, Max Weber e Friedrich Engels, pois, inspiraram abordagens bem distintas e debates que resultaram por exemplo em concepções denominadas utópicas e anárquicas como as de Pjotr Kropotkin e de Elisée Reclus. Estes, segundo Andrade (1987), “apesar das limitações das suas abordagens na Geografia”, posicionaram-se contra a estrutura de poder dominante em sua época, adotando princípios em favor de reformas sociais radicais e de grupos sociais dominados tendo ambos uma prática política libertária e inovadora (p.47).

Também, segundo Saquet, no período de tempo mencionado, em diferentes países, recuperaram-se aspectos e outras concepções que condicionaram, grosso modo, a renovação da ciência geográfica a fim de:

Elaborar um novo paradigma teórico metodológico e uma explicação geográfica mais ampla e coerente dos processos territoriais em curso. Em alguns países, como a Itália, a reelaboração da Geografia, naquele período, ocorre centrada no conceito de território. Por isso existem vários autores italianos que se destacaram (p. 48).

Ainda, as mudanças que aconteceram na Geografia dos anos 1960-70 – época de diferentes perspectivas epistemológicas, mas com predomínio do materialismo histórico e dialético como fundamentação teórico metodológica – onde alguns grupos de pesquisadores

incorporaram o ideário marxista às suas teorias e pesquisas gerando larga produção científica centrada na relação capital-trabalho-território. As mudanças ocorridas na Geografia, nos anos 1960-70, foram produto de um longo movimento histórico e de relações sociais que se estabelecem entre diferentes pesquisadores de distintas nacionalidades, entre os quais Yves Lacoste que se posiciona contra a Geografia de base positivista, enfatizando a necessidade de sua superação. Convergem com o posicionamento de Lacoste outros estudiosos, entre eles, Michel Foucault, Manuel Castells, Lucio Gambi e Henri Lefebvre.

Esse movimento guia Pierre George, B. Kayser, R. Guglielmo representantes da Geografia Ativa que se opunha à Aplicada, substantivando uma Geografia denominada de transição, em direção àquela mais radical e crítica – centrada em abordagens das relações capital-trabalho-espaço ou capital-trabalho-território – dependendo da tendência epistemológica ontológica, adotada por cada pesquisador ou grupo de pesquisa, como ocorreu em trabalhos realizados por Milton Santos, David Harvey e Massimo Quaini, por exemplo.

“Os tempos-espaços-territórios” é o título *do terceiro capítulo*, onde Saquet propõe realizar uma discussão “didática” sobre o tempo a partir de dois grandes movimentos distintos: **I) tempo das coexistências** – o autor argumenta sobre a temática tendo como referências textos de Giuseppe Dematteis, Massimo Quaini, Milton Santos, Dematteis/Governa, Claude Raffestin, e dele próprio – corresponde às simultaneidades no espaço, isto é, aos fenômenos que ocorrem em tempos e lugares iguais e entre lugares diferentes apreendidos apenas por uma abordagem relacional.

**II) O tempo histórico**, entendido como fluxo contínuo, onde a definição de períodos, começos e fins é relativa e aproximada; o tempo é duração e movimento; com saltos e superações numa perspectiva dialética trabalhada por Lefebvre. De modo que a unidade desses dois tempos está na relação espaço-tempo. Por conseguinte, o autor, defende a ideia que o tempo presente, passado e futuro indica processualidade e simultaneidade, implicando transtemporalidade processual coexistente, que corresponde às fases, às sucessões, aos períodos e aos momentos históricos, isto é, a tradução das relações e situações concomitantes, similares ou diferentes. Então surgem temporalidades-ritmos, trans-multiescalaridades e transterritorialidades que acontecem no mesmo ou entre lugares diferentes, porém, sempre relacionados em unidades.

Vivem-se múltiplas temporalidades, como múltiplas territorialidades simultâneas locais e extralocais, que juntas são envolvidas pelo domínio do social e do natural. E na Geografia é preciso acompanhar tal relação a fim de compreenderem-se os processos dialéticos e superposições-coexistências, as transtemporalidades. Essas, que conforme Quaini, citado por Saquet, para serem percebidas deve-se “reconhecer a peculiaridade dos fatos de povoamento,

das construções e dos ritmos de desenvolvimento, sem perder de vista a unidade dos fenômenos humanos [...]” (p. 82).

Ainda, aborda-se a ideia das temporalidades históricas que diferenciam o espaço do território. Para ele, “podemos pensar”, desse modo, em tempos de longa duração e em ritmo mais lento, em tempos curtos de ritmos mais rápidos, materializados pela acumulação desigual de tempos (Milton Santos) que deságua numa superposição de tempos históricos por meio de relações e elementos distintos, trabalhados na perspectiva das transtemporalidades históricas, coexistentes e relacionais.

O quarto capítulo, “As territorialidades e as temporalidades”, serve como transição entre o tópico anterior (capítulo 03) e o último que envolverá a junção entre práxis da Geografia e o desenvolvimento territorial. De início, Saquet argumenta que a territorialidade pode ser entendida por quatro níveis correlatos: a) como relações sociais, identitárias; b) como apropriação do espaço geográfico, concreta e simbolicamente, culminando em dominações e delimitações precisas ou não; c) como comportamentos, objetivos, metas, desejos e necessidades e, por fim, d) como práticas espaço-temporais, pluridimensionais, efetivadas nas relações sociedade-natureza, isto significando, relações sociais entre os homens (poder) e com a natureza exterior por meio dos mediadores materiais (técnicas e tecnologias) e imateriais (conhecimentos, saberes, ideologias).

Para Saquet, os geógrafos ao analisarem as territorialidades avançam para além do uso do território, por meio de uma abordagem pluridimensional (transtemporal) e assumem “um caráter de mobilização, organização e luta política em favor de um desenvolvimento mais equitativo” (p. 108). De modo que, práticas sociais, temporais e complexas, estão implicadas na reprodução das relações sociais e dos territórios. Retoma-se a ideia das práticas espacio-temporais-territoriais como processo histórico e geográfico de saber e poder, subordinação, aculturação, identificação, exploração, degradação ambiental, mobilização, formação, manifestação etc. E “não há poder que se exerça sem uma série de iras e objetivos” (FOUCAULT, 2007 [1988], p. 105)<sup>1</sup>. Portanto, as territorialidades são intencionais, envolvendo objetos e metas, programas, planos, técnicas de saber e estratégias de poder que necessitam ser apreendidas, compreendidas, representadas (p. 109).

As temporalidades “significam ritmos lentos e mais rápidos, desigualdades econômicas, diferentes objetivações cotidianas, e ao mesmo tempo, distintas percepções dos processos e fenômenos” (p. 110), são leituras feitas dos ritmos da natureza e sociedade. Nesse interim,

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2007 [1988].

podem ser compreendidas como expressões de centralidades e centros, como trabalhou Sposito<sup>2</sup>, também a partir da ideia de “poli(multi)centrismo”.

Assim infere-se que o quarto capítulo da obra é dedicado ao viés teórico filosófico a respeito do espaço tempo, tão relevante nos estudos geográficos. Para o autor, a temporalidade pode ser trabalhada de acordo com a influência de Milton Santos, “casando-a” com a espacialidade nos estudos territoriais e na projeção de territórios possíveis. As leituras realizadas por Saquet apontam diversos autores que construíram o pensamento sobre territórios e temporalidades e juntos convergem que as duas categorias têm dimensões sociais.

O quinto e último capítulo, “Uma concepção de Geografia voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial”, aborda a pesquisa e a concretização de projetos de desenvolvimento, através da interpretação de territorialidades e temporalidades, “contrapondo-se aos *status quo*, desgastando-o e tentando amenizar os processos de subordinação e exploração, bem como, os de concentração de riqueza, centralização de poder e degradação do ambiente” (p. 126).

No dizer de Saquet, a relação territorialidade-temporalidade, com conteúdo político bem definido, pode ser transformada num paradigma que favoreça a interação entre ciência, intelectualidade e “cotidianidade-saber-arte” e práxis de mudança do território em favor das necessidades e desejo do povo. Menciona o italiano Eugenio Turri, defensor do “conhecimento do território e dos seus valores culturais” dispostos como forma de defesa das identidades locais, que as disputas entre a globalização da economia e da comunicação tendem a destruir (p. 126).

Assim, lança-se a ideia de que o conhecimento e o saber, usados estrategicamente, impulsionam positivamente o processo de gestão territorial e de desenvolvimento.

Também, conforme o autor, a produção de conhecimento que ocorre em nível local é imprescindível, pois expõem valores, crenças, ritmos e ritos, por meio da relação entre o saber, a ciência e o senso comum. Em sua opinião, o pesquisador, Geógrafo, precisa ser sujeito ativo nos processos que estuda; trabalhando em redes de cooperação com outros pesquisadores e especialmente os sujeitos estudados. Pois, os processos de desenvolvimento precisam ser orientados e objetivados por meio de princípios de participação e cooperação dos grupos envolvidos e seu lugar-território.

---

<sup>2</sup> SPOSITO, Maria Encarnação. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Geografia**, São Paulo, vol. 10,1991, p. 1-18.

Há, nesse contexto de cooperação, a introdução da solidariedade, a qual objetiva o projeto contra-hegemônico como obra coletiva (estudada por Pedro Demo), podendo ser gerada com autonomia na proximidade, que facilitará a criação de redes de cooperação, bem como a unidade para ação. Ademais, Saquet argumenta que tal abordagem, de cooperação e solidariedade, ocorre mediante a perspectiva areal e reticular, nas formas área-rede, rede-rede e rede lugar (território-rede-lugar) com as territorialidades e as temporalidades como potenciais estratégias de estruturação política e de luta por melhores condições de vida. Concepção de conteúdo político, de organização socioterritorial focando na equidade social e autogestão, sem diminuir a importância do papel do Estado.

As reflexões de Saquet a respeito da geografia, da ciência em sua plenitude e o desenvolvimento territorial, incluem a dimensão do chamado território-lugar; considerado como um conjunto de patrimônio por meio do qual se constrói novos estilos de desenvolvimento (auto)sustentável que envolvem os sujeitos e o ambiente. Também, existe necessidade de destacar a concepção pluridimensional, histórica e reticular das políticas públicas que reconheçam e valorizem as transtemporalidades, as transterritorialidades e as multiescalaridades de cada grupo social em seu lugar território, com vista a organização política, gestão e autonomia.

Por conseguinte, o livro resenhado oferece ao leitor(a) uma compreensão das nuances que envolvem o território e as territorialidades nele inscritas e produzidas pela sociedade. Destaca a importância da (re)construção dos lugares-territórios, da relação espaço e tempo, valorização das identidades, dos movimentos sociais, do patrimônio histórico, das paisagens dos trabalhadores e consumidores que ocupam aqueles espaços.

Assim, esta resenha tem como objetivo oferecer descrição detalhada sobre relevante livro, o qual é composto de exaustiva pesquisa multidisciplinar envolvendo o território e suas nuances, esta importante categoria de análise da Geografia.

Sabe-se que é ousado tentar convencer outras pessoas a lerem determinada obra através de uma singela resenha, e realizar leitura crítica sobre o trabalho de um autor tendo como base apenas uma obra. Todavia, é um passo para divulgação científica. É válido correr tal “risco”.